

# Origens brasileiras das Ciências da Comunicação: aspectos da formação francesa nas trajetórias docentes dos primeiros PPGs

## *Brazilian origins of Communication Sciences: aspects of the French training in teaching careers of the first Graduate Studies Programs*

### João Damasio

<https://orcid.org/0000-0002-3505-5699>  
jooadamasio16@gmail.com

Doutorando em Ciências da Comunicação (Unisinos, 2018 até os dias atuais, bolsista Capes Proex), mestre em Comunicação (UFG, 2014-2016, bolsista Capes Demanda Social) e graduado em Jornalismo (Faculdade Araguaia, 2009-2013, bolsista Prouni). É membro do Comitê Editorial do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais e pesquisa a midiatização do espiritismo a partir do imaginário e das práticas museais em circulação.

<http://lattes.cnpq.br/6723681328867269>

### Pedro Vasconcelos Costa e Silva

<https://orcid.org/0000-0001-5324-3645>  
pedrovasconceloscsilva@outlook.com

Doutorando em Comunicação Social pelo PPGCOM UNISINOS-RS. Mestre em Comunicação Social pelo PPGCOM – PUC Minas. Possui graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2013). Documentarista, diretor do longa metragem Amadores (2018) e dos filmes: Funk da Nossa Gente (2015) e Dolly (2011). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Rádio e Televisão, atuando principalmente nos seguintes temas: Cinema; Cultura; Esporte; Mídia. Atua no grupo Observatório da Diversidade Cultural.

<http://lattes.cnpq.br/4581676502286129>

### Resumo

O artigo se inscreve nos estudos sobre as origens das Ciências da Comunicação no Brasil, abordando estritamente aspectos da formação francesa nas trajetórias de docentes recentemente ativos e presentes nos primeiros PPGs brasileiros. A abordagem das trajetórias docentes para investigar as origens é compatível com a metodologia de Tétu e Boure sobre as origens francesas. O campo de observação mapeou os PPGs de origem brasileira, a formação francesa, as áreas de origem, as teses, as linhagens de pesquisa e a atividade atual dos docentes em foco. Esse ponto de vista possibilitou inferências desprezíveis e questionamentos à epistemologia da comunicação sobre o lugar do pensamento francês nas origens brasileiras.

**Palavras-chave:** Ciências da Comunicação no Brasil, Ciências da Comunicação na França, origens das Ciências da Comunicação.

### Abstract

The article is part of the studies on the origins of Communication Sciences in Brazil, dealing strictly with aspects of the French formation in the careers of teachers currently active and present in the first Brazilian Graduate Studies Programs. The approach of the teaching careers to investigate the origins is compatible with the methodology of Tétu and Boure on the French origins. The field of observation mapped the Graduate Studies Programs of Brazilian origin, the French formation, the areas of origin, the theses, the research lines and the current activity of the teachers in question. This point of view made it possible to propose unpretentious inferences and questions to the epistemology of communication about the place of French thought in the Brazilian origins.

**Keywords:** Communication Sciences in Brazil, Communication Sciences in France, origins of Communication Sciences.

## 1. Investigando as origens por meio de trajetórias docentes<sup>1</sup>

A investigação das origens das Ciências da Comunicação integra o debate epistemológico sobre a constituição

<sup>1</sup> Este artigo foi orientado pelo Prof. Dr. Jairo Ferreira, em processo pedagógico a partir da disciplina de Epistemologia da Comunicação, no PPGCC/Unisinos.

deste campo de pesquisas, demarcado por estratégias institucionais, contextos sociais e racionalidades geográfica e ideologicamente dispersas<sup>2</sup>. Neste texto, pretendemos abordar empiricamente as origens brasileiras no que diz respeito especificamente aos aspectos da formação francesa e o diálogo com suas origens.

<sup>2</sup> Pode-se, por exemplo, com adequação contextual e metodológica, estudar origens americana, alemã, francesa, brasileira, etc.

Uma das formas com que este debate tem sido realizado é a interpretação e o mapeamento de referências francesas nas pesquisas brasileiras (Silva, 2001; Adghirni, 2005 e 2006), atestando a importância desse pensamento para as Ciências da Comunicação no Brasil, também afetadas pelo funcionalismo e pelos contatos com outras origens (norte-americana, alemã, etc.). Destas pesquisas resultam genealogias que, apesar de questionarem a concretude de uma “escola francesa”, identificam o percurso de certas ideias centrais.

A proposição deste artigo é menos abrangente. Pretendemos um exercício comparativo entre origens brasileiras e francesas das Ciências da Comunicação, com critérios específicos para produzir inferências a partir de trajetórias docentes. Não pretendemos com isso generalizar a partir dos seus trajetos aspectos mais complexos sobre suas formações ou mesmo sobre as próprias leituras epistemológicas destes autores, mas apenas encontrar pontos de estímulo. Partimos do debate entre Robert Boure (2015 [tradução do original de 2007]) e Jean-François Tétu (2002) em suas estratégias para mapeamento das origens francesas, objetivando aqui realizar uma incursão inicial sobre o papel desta formação na trajetória de docentes presentes nos primeiros Programas de Pós-Graduação (PPGs) em Comunicação no Brasil.

O campo de observação mapeou os PPGs de origem brasileira, a formação francesa, as áreas de origem, as teses, as linhagens de pesquisa e a atividade atual dos docentes em foco. Ressaltamos que não há pretensão de exaustão. Também não pretendemos asseverar a predominância do pensamento francês nos estudos nacionais, mas pontuar algumas relações possíveis entre a formação francesa dos pesquisadores brasileiros e as linhagens de pesquisa por eles constituídas no Brasil. Antes de apresentar o campo de observação e as análises dele derivadas, faremos um incursão pelo debate não consensual das origens das Ciências da Informação e da Comunicação (CIC) na França, estimulador da proposição deste texto.

## 2. Origens francesas das Ciências da Comunicação

Pelo menos desde 1992, Tétu (1992 e 2002) publica análises acerca das origens das CIC na França e, mesmo antes disso, integrou esforços institucionais de síntese, como a redação do “Guide-répertoire des Équipes de Recherche sur la Communication”, publicado em julho de 1987, pela Direção de Pesquisa e de Estudos Doutoriais (DRED) do Ministério da Educação Superior (Boure, 2015, p. 6). Sua hipótese de que as CIC têm uma origem literária gerou um interessante debate com a contra-hipótese de Boure (2015) sobre as origens plurais das CIC, no contexto interdisciplinar das Ciências Humanas e Sociais (CHS).

Tétu (2002) reconhece a diversidade de estudos mais que evidente no campo da Comunicação, mas justamente por isso se preocupa com as origens deste campo. Em seu texto, não aborda esta diversidade, senão quando indispensável, por considerar que, mesmo sendo minoritários, os estudos literários apresentam notoriedade científica.

*[...] les participants d'origine littéraire au sens strict (i.e. relevant des domaines de compétence de la section de langue et littérature du CCU) sont minoritaires, mais la notoriété scientifique de certains d'entre eux, qui ne fut pas sans effet sur la reconnaissance par le Ministère de l'Éducation Nationale (MEN) de la nouvelle discipline, supposait au moins qu'on s'interroge sur leur part dans son histoire (Tétu, 2002, p. 71, destaque nosso).*

Assim, recorre a critérios como a trajetória acadêmica de alguns professores das seções de língua e literatura e vasculha o lugar de questões literárias nos primeiros congressos de CIC, por meio de documentos, entrevistas, um raro acesso às teses, temas e intelectuais presentes, e descreve como a preocupação científica da construção da nova disciplina, no contexto francês, decorreu em grande parte de questões literárias e da persistência de intelectuais desta área entre os primeiros movimentos para a criação do que viria a ser a área de Comunicação na França: a 52ª seção dos comitês científicos do Ministério da Educação, em 1972, mesmo ano em que, no Brasil, surge o primeiro programa de pós-graduação em Comunicação (USP).

O que Tétu (2002, p. 72) chama de “origens literárias” aparece como pressuposição ou “definições iniciais” e se refere a um estudo que

*comporte trois directions majeures: la réflexion sur le texte comme support d'une communication esthétique; la langue et les signes comme moyen de la relation; la signification pour l'usage, historique et philologique, du document (Quadro 1).*

Quadro 1 – Mapa das origens literárias das CIC, na análise de Tétu (2002)

Direções das pesquisas	Intelectuais de referência	Espectro das Letras
Texto como suporte de uma comunicação estética	Escarpit	Literatura
Língua e signos como meios de relação	Barthes, Eco	Linguística
Significação pelo uso, história e filologia do documento	Dubois, Pêcheux, Maingueneau	

Fonte: Elaborado pelos autores, com base na redação de Tétu, 2002.

Certamente, toda síntese será contraditória dada a intensa interação dos intelectuais franceses. A análise de Tétu (2002) desconsidera deliberadamente outras origens por opção de delimitação e defesa das origens literárias e, mesmo no campo das Letras, restringe-se aos intelectuais que viram emergir, desde seu campo (a 12ª seção dos comitês científicos do Ministério da Educação), uma nova questão.

No Quadro 1, observamos três direções das pesquisas. A primeira, identificada nos atos fundantes de Escarpit, trata da centralidade do leitor no texto, da prática social de leitura, da sociologia da literatura, envolvendo questões de recepção, usos, apropriações, concepções de um leitor-produtor, etc. Esta é, segundo Tétu (2002), a essência das origens literárias das CIC na França, e podemos entender seu desenvolvimento com o que, na “escola francesa”, ficou conhecido como culturalismo ou questões ligadas à semiologia saussureana e à literatura comparada com o problema dos antigos e modernos (pelo que Barthes ora é considerado aqui também).

A segunda direção, referenciada em Barthes e Eco, diz respeito à semiótica e ao entendimento de que a mensagem e o código revelam relações entre sistemas de sentidos e de signos, sendo decisivos tanto na emissão quanto na recepção. É central a questão “qual pode ser a organização tipológica (signo) de uma comunidade cultural dada?”, vinculada a A.-J. Greimas.

A terceira direção, identificada em Dubois, Pêcheux e Maingueneau, principiava o estudo das intenções e significações úteis à história e às ideologias, como na análise do discurso contemporânea e na filologia. Desde O. Ducrot viriam também a teoria dos atos de linguagem e o pragmatismo linguístico, com os problemas das interações, enunciação, situação do discurso, etc.

Estas duas últimas direções foram agrupadas por Tétu (2002) nos esforços dos linguistas, mais marginais que os estudiosos de literatura.

Já que as origens das CIC seriam literárias, o autor eleva para a Comunicação os espectros próprios das Letras na separação entre literatura e linguística. Para Tétu (2002), os pesquisadores vinculados aos estudos literários é que tiveram atos fundantes para a Comunicação como disciplina.

Outras diversas questões como a evolução de temas, problemas, objetos e identidade dos participantes dos primeiros congressos da área e o desenvolvimento dos

primeiros doutores da disciplina nascente foram pontuadas por Tétu (1992 e 2002), mas tais apontamentos bastam para sua hipótese das origens literárias.

Por fim, o autor destaca que a pesquisa em Comunicação foi de fato levada adiante pelos que identificou como “linguistas”, com base interdisciplinar, citando como exemplo o trabalho de Maurice Mouillaud, orientador de doutorado do professor brasileiro José Luiz Braga, que desenvolve questões metodológicas afins, como observaremos adiante.

Ainda assim, a hipótese das origens literárias prevaleceu com o exemplo de M. Le Guern, linguista renomado que, a partir das Ciências da Linguagem, buscou o reconhecimento disciplinar para pesquisas em informação-comunicação, tendo retornado, posteriormente, como outros pesquisadores da literatura, à sua seção de origem.

Deste modo, inferimos que as chamadas “origens literárias” residem no esforço de identificar questões fundadoras e propor com elas a institucionalização de um novo campo para a Comunicação. É, portanto, a questão da constituição do campo que se coloca em causa. E é a partir desta noção, em Bourdieu (1984), que esta hipótese foi questionada.

Boure (2015, p. 4) argumenta que, quando um campo acadêmico (como o da Comunicação) se inscreve em uma tradição universitária (como a dos estudos literários na França), “fortemente marcada material e simbolicamente”, começa a reproduzir destas tradições seus “modos de questionamento, quadros de leitura, referências teóricas, comportamentos sociais”. E nisto se resumiria a potência da hipótese de Tétu.

Além disso, Boure (2015) denuncia que, atualmente, as origens literárias seriam identificadas na área das “Humanidades”, que retomariam um debate erudito dos ensaios e métodos de conhecimento da “literatura” como era concebida enquanto ciência geral, disciplinando todo conhecimento filosófico ao seu redor.

Em contraposição a isso, para Boure (2015), o papel da literatura é incontestável, apesar de “difícil de definir”, mas as origens das CIC na França seriam, então, plurais (Quadro 2). E isso fica evidente no próprio texto de Tétu, que demarca as origens literárias, mas sem as comparar com as outras possibilidades, que exclui por delimitação de suas descrições sobre como a literatura permitiu uma rápida emancipação das CIC.

Quadro 2 – Mapa das origens plurais das CIC, na análise de Boure (2015)

Critérios		Resultados
Aparição no ensino superior		Centros de pesquisa, organismos públicos e associações de CHS, além de Letras, de meados dos anos 1970 até os anos 1980.
Trajetórias docentes	Fundadores	Robert Escarpit e Jean Meyriat se originam nas Letras, mas se direcionam às CIC.
	Áreas de origem	De 19 docentes, quatro vieram das Letras para a 52ª seção do Comitê Consultivo das Universidades.
	Teses de inscitos para mestre assistente	25,6% defenderam tese em Literatura. A dispersão de temas é grande.
	Produções dos estudos literários	Já havia uma transição temática: 1) Relações escrita-leitura; 2) Cultura e sociedade; 3) Papel da língua e dos signos.
Práticas científicas		Não exclusivas das Letras, mas relativas ao momento científico das CHS, Filosofia, Línguas Estrangeiras e Direito: trabalho individualizado, ensaístico, resistência ao debate epistêmico e descon-fiança dos laboratórios.

Fonte: Elaborado pelos autores, com base na redação de Boure, 2015.

Como observado em todos os âmbitos e critérios do Quadro 2, Boure (2015, p. 6) é mais rico e abrangente em critérios e destaca com eles “exceções” que “permitem reconsiderar a asserção segundo a qual a origem do ensino em CIC está na pesquisa nos estabelecimentos dedicados mais particularmente às Letras”.

Boure (2015, p. 14) defende o “reconhecimento de um exercício plural das CIC” no seio das CHS, pois “é em parte por causa da diversidade que se torna possível colocar em perspectiva o que outras disciplinas rejeitam (emissão/texto/receptor, práticas/discursos/dispositivos, signos/objetos/mediações...)”, inclusive as literárias. Estão implicadas também questões metodológicas e disciplinares. Sobre a questão metodológica, trata-se do trabalho interpretativo e da pesquisa “de escritório” das origens literárias e das Humanidades ou da pesquisa de campo compartilhadas pelas CHS. Sobre a questão interdisciplinar, o autor argumenta “contra os excessos da normatização vertical e contra seu inverso, a permissividade sem limites”, mas posicionando-se claramente pelo viés interdisciplinar.

De certo modo, para as origens de um novo campo, mais valioso que a normatividade literária seria o que existia antes e ao redor das institucionalizações em termos de seu desenvolvimento em pesquisa (como a Biblioteca Pública Internacional Georges Pompidou, na qual Eliseo Verón desenvolveu inúmeras pesquisas que muito influenciam os atuais estudos brasileiros). Este parece ser o ponto central em que discordam Tétu e Boure, mas, para nós, trata-se de uma via de mão dupla, não excludente. Sendo assim, só podemos considerar uma origem plural, ainda que demarcada disciplinarmente por origens literárias, o que inferiremos melhor após analisar o papel da formação francesa na trajetória docente dos primeiros PPGs brasileiros da área.

### 3. Campo de observação

Inspiramo-nos nos procedimentos metodológicos de Tétu (2002), Boure (2015) e também de Pontes e Almeida (2017) para compor nosso campo de observação. Tétu (2002) se baseia na trajetória de alguns pesquisadores e no lugar de suas questões nos primeiros congressos das CIC na França em um estudo delimitado para averiguar a pertinência de “origens literárias”, o que fazemos de modo semelhante neste estudo acerca da formação francesa nas origens brasileiras.

Já Boure (2015) ampliou o campo observacional investigando a aparição institucional de centros de pesquisa, as práticas científicas (teórico-metodológicas) adotadas e cruzou diversos dados sobre trajetórias docentes ao advogar para as CIC uma “origem plural” vinculada às Ciências Humanas e Sociais (CHS), afastando-se da hipótese de uma essência literária. Desta perspectiva, reiteramos a importância das trajetórias docentes como campo de observação.

Pontes e Almeida (2017), mapeando a pesquisa acadêmica sobre jornalismo na pós-graduação brasileira, inspiram nossa metodologia para lidar com o contexto brasileiro. Assim como estes autores, limitamos o escopo deste trabalho às trajetórias na pós-graduação brasileira, com base nas ferramentas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ainda que reconheçamos que nossas origens passam pela constituição anterior das próprias graduações em Jornalismo.

Mapeamos as trajetórias docentes em estudo sob as seguintes etapas:

a. Consulta/filtro a respeito dos docentes que já atuavam na década de 1970 em um dos cinco primeiros PPGs brasileiros: USP (1972), UFRJ (1973), UnB (1974), PUC-SP (1978) e Umesp (1978), correspondendo ao que chamamos aqui de “origens brasileiras”. Isso se deu de três maneiras: contato com as secretarias e coordenações destes PPGs, leitura de históricos disponíveis em seus

sites e busca nos currículos dos 130 bolsistas de produtividade em pesquisa (Bolsistas PQs<sup>3</sup>).

Obtivemos retorno das coordenações dos cursos da USP e da PUC-SP, mas apenas desta última com a lista dos professores que compunham o primeiro quadro de pesquisadores deste PPG. Encontramos, por meio da consulta aos currículos na Plataforma Lattes, nomes de professores da UnB e da UFRJ (no site da qual também há um histórico que facilitou a consulta em nomes que não são bolsistas PQs). Em nenhuma fonte digital encontramos os professores que compunham o primeiro quadro no PPG da Umesp.

b. Tabulação em base de dados básicos sobre formação e trajetórias docentes com os seguintes crivos: PPG de origem, formação francesa, áreas de origem ou outras formações, teses defendidas, linhagens de pesquisa e atividade atual.

c. Cruzamento dos dados de formação francesa e trajetórias docentes no Brasil com as perspectivas defendidas por Tétu (2002) e por Boure (2015), provocando inferências sobre possíveis influências e contradições dessas trajetórias docentes nas linhagens de pesquisa que estes pesquisadores constituíram no Brasil.

Percebemos o presente exercício como ilustrativo e problematizador dado que, assim como Tétu e também Boure, não temos acesso fácil e certo aos arquivos necessários para a reconstituição deste momento histórico das Ciências da Comunicação. Mesmo assim, é possível observar os indícios nos dados disponíveis com alguma precisão até o momento para buscar inferências ou hipóteses.

Não pretendendo abrangência quantitativa, filtramos e analisamos a seguir alguns aspectos nas trajetórias docentes de oito grandes pesquisadores brasileiros, que tiveram em algum momento formação francesa. Destacaremos as nuances destes momentos, alguns por ampliações que promovemos no campo de observação, tendo em vista a complementaridade de pistas vislumbrada.

Os docentes aqui mapeados foram: Antônio Fausto Neto, Ciro Marcondes Filho, Décio Pignatari, José Luiz Braga, Lucrecia Ferrara, Márcio Tavares D'Amaral, Muniz Sodré e Nízia Villaça.

### 3.1. PPGs de origem

Os Programas de Pós-Graduação em Comunicação constituíram nossos primeiros filtros de composição do banco de dados e, agora, de análise. Seguindo o levantamento institucional em Pontes e Almeida (2017), selecionamos os cinco primeiros PPGs brasileiros, abertos na década de 1970, período que coincide com o estudo das origens francesas. Pode-se dizer que os pesquisadores

brasileiros das origens de nossos PPGs foram constituindo o campo paralelamente aos franceses, sob o olhar cronológico. De todo modo, a preocupação com a pesquisa em Comunicação parece ter sido herdada pelo Brasil, sem exclusividade, mas talvez com predominância da França.

Quadro 3 – PPGs de origem dos docentes pesquisados

Instituição de origem	Professor(a)
PUC-SP	Lucrecia D'Alessio Ferrara
	Décio Pignatari
UnB	Antonio Fausto Neto
	José Luiz Warren Jardim Gomes Braga
UFRJ	Muniz Sodré de Araújo Cabral
	Márcio Tavares D'Amaral
	Nízia Maria Souza Villaça
USP	Ciro Juvenal Rodrigues Marcondes Filho

Fonte: Banco de Dados da pesquisa.

O Quadro 3 apresenta o vínculo de origem dos docentes em estudo, ou seja, os PPGs em que estiveram lotados na década de 1970. Conforme já ressaltado, não conseguimos mapear nenhum professor da Umesp e certamente houve outros professores com formação francesa nos primeiros anos destes PPGs. A análise deste tópico poderia ser quantitativamente significativa se acrescida de outras fontes documentais sobre a composição do corpo docente em cada uma destas instituições.

No caso da PUC-SP, apenas a professora Lucrecia Ferrara obteve seu pós-doutorado na França. Décio Pignatari consta na lista por uma ampliação do campo de observação, por ter sido cofundador e vice-presidente da Association Internationale de Sémiotique (AIS), fato que ocorreu no período estudado e o insere neste contexto da presença francesa nas trajetórias docentes, ainda que não especificamente em sua formação estrita. Uma ampliação assim sinaliza movimentos futuros dessa pesquisa para outros docentes ainda não mapeados genealogicamente.

Na UnB, notamos que os professores Antonio Fausto Neto e José Luiz Braga, hoje integrantes do PPGCC/Unisinos, integravam o quadro docente das graduações e as discussões do PPG. Fausto Neto, presente na fase inicial deste PPG, atuou por mais tempo na UFPB e na UFRJ. Braga, concluindo o doutorado na França em 1984, também atuou na UFPB ao retornar para o Brasil e foi reintegrado à UnB em 1987.

Na UFRJ, o professor Muniz Sodré foi um dos fundadores do PPG, tendo tido anteriormente sua formação em nível de mestrado na França. Márcio Tavares D'Amaral e Nízia Villaça realizaram pós-doutorado na França no início

<sup>3</sup> O filtro por bolsistas PQs limita o mapeamento a pesquisadores ativos atualmente e com bolsas de produtividade em pesquisa pelo CNPq, mas viabiliza esta consulta de modo mais apurado.

da década de 1980, já atuando no PPG e tendo contatos prévios com as problemáticas francesas.

Na USP, não obtivemos um mapeamento condizente com os critérios, mas observamos que o professor Ciro Marcondes Filho esteve no PPG desde os primeiros anos e realizou, já no final dos anos 1990, seu pós-doutorado na França, tendo, antes, se vinculado à formação alemã.

### 3.2. Formação francesa

Destacamos o quadro de referência em que cada trajetória docente se inicia no contexto dos PPGs para que, no

decorrer da análise, possamos nos referir a eles, mas seguiremos a partir da análise dos elementos destacados tendo como centro cada docente em questão, mantendo-os agrupados em uma mesma ordem nas tabelas a seguir.

O Quadro 4 descreve a titulação/nível, instituição e ano em que estes professores obtiveram formação francesa. No mesmo quadro, inserimos observações que consideramos relevantes ao levar em conta esta formação, possibilitando inferências sobre sua influência aparente nas trajetórias observadas. Neste sentido, o contexto de cada professor é bastante individualizado, mas tentaremos uma análise comparativa após o quadro a seguir.

Quadro 4 – Formação francesa dos docentes pesquisados

Professor(a)	Formação francesa	Observações
Antonio Fausto Neto	– Doutorado em Sciences de La Communication et de L'information (EHESS, 1979-1982). – Especialização em Études Approfondies Semiology des Arts et de Litt (EHESS, 1979-1980).	Estudou produtos literários brasileiros na França e vem aplicando métodos de análise do discurso e processos interpretativos – que culminaram no contexto das pesquisas atuais pertinentes ao conceito de midiática, sobretudo em relação à circulação.
José Luiz Warren Jardim Gomes Braga	Doutorado em Ciências da Informação e da Comunicação. Université Panthéon-Assas, Paris 2, França (1981-1984).	Atualmente trabalha com temas pertinentes à linha de pesquisa de midiática, com ênfase na discussão acerca dos dispositivos interacionais e de método comunicacional.
Muniz Sodré de Araújo Cabral	– Mestrado em Sociologia da Informação e Comunicação. Université Paris-Sorbonne, Paris 4, França (1966-1967). – Pós-doutorado em Sociologia da Informação e Comunicação. Université Paris-Sorbonne, Paris 4, França (1979-1980).	Mestrado e pós-doutorado na Université Paris-Sorbonne, Paris 4. O primeiro, obtido em 1967, tratou de Análise de Conteúdo. O segundo foi obtido em 1980, período em que o autor trabalhava com narcisismo, simulacro e televisão. Sodré adota métodos de abordagem ensaística.
Márcio Tavares D'Amaral	Pós-doutorado. Université Paris Descartes, Paris V, França (1985).	Apesar de ter feito apenas o pós-doutorado na França (1985), suas formações precedentes tendiam a temas literários, similares aos das origens das CIC naquele país.
Nízia Maria Souza Villaça	Pós-doutorado em Antropologia Cultural na Université Paris V – Sorbonne (1984-1985).	Temas voltados para a antropologia urbana, mas sempre com a prevalência de questões relativas à noção de signo.
Lucrécia D'Alessio Ferrara	Pós-doutorado no Centre National de la Recherche Scientifique (1971-1972).	Formação toda na área de letras, especialização em língua francesa. Fundou o PPG da PUCSP em Comunicação e Semiótica.
Décio Pignatari	Nenhuma. Ver observação.	Foi cofundador e vice-presidente da Association Internationale de Sémiotique, AIS, França, 1969-1984, com Roman Jakobson, Umberto Eco, Emile Benveniste e Iuri Lotman.
Ciro Juvenal Rodrigues Marcondes Filho	Pós-doutorado na Universidade Stendhal de Grenoble, USG, França (1998-2000). Ver observação.	Apesar de formação voltada à filosofia alemã, abandonou a teoria crítica e fundou sua Nova Teoria da Comunicação no período de seu pós-doutorado na França, com Miège, Bounoux, etc.

Fonte: Banco de Dados da pesquisa.

Observamos que não houve, nos dados acima, coincidência de universidade francesa. Cada docente seguiu por uma instituição, tendendo a retornar a ela, seja para continuidade na formação ou para projetos e parcerias durante a trajetória docente. Todos os cursos de doutorado realizados na França foram na área de Ciências/Sociologia da Informação e da Comunicação.

De todo modo, a tendência foi de continuidade do fluxo de estudantes para estas mesmas universidades frequentadas pelos professores acima: “Paris, Lyon,

Grenoble, Bordeaux, Rennes e Strasbourg estão entre os lugares preferidos por pesquisadores brasileiros para desenvolver projetos individuais de doutorado e pós-doutorado ou trabalhos coletivos de cooperação internacional” (Adghirni, 2006, p. 53).

A maioria dos casos analisados se referem à realização de pós-doutorado e em fase posterior ao início dos trabalhos como docentes no Brasil, denotando que, a partir de entrevistas ou análise de produção bibliográfica, poderemos notar um antes e depois da formação francesa.

Destacamos alguns traços que podem ser pistas, ainda bastante insuficientes, para inferências sobre isso. Notamos que Antonio Fausto Neto, José Luiz Braga e Muniz Sodré realizaram, durante suas formações, análises de produtos literários e/ou midiáticos. Numa perspectiva voltada aos conteúdos e suas estratégias discursivas, os três se inscrevem hoje na linhagem de pesquisas em midiática, sobre temas como circulação, dispositivos e tecnocultura, envolvendo sempre transformações societárias a reboque daquelas estratégias discursivas.

Questões literárias também estiveram presentes durante a formação de professores como Márcio Tavares D'Amaral, Nízia Villaça e Lucrécia Ferrara, mas esta questão será tratada a seguir.

Lucrécia Ferrara e Décio Pignatari integraram o mesmo PPG (PUC-SP) e estiveram ao mesmo tempo em contato com o pensamento semiótico francês, o que demarca a área de concentração deste PPG. Lucrécia Ferrara, em comum com Nízia Villaça, trabalha questões relativas aos signos no ambiente antropológico urbano.

Décio Pignatari não teve formação francesa durante seus cursos regulares como os demais, mas foi inserido neste quadro pelo mesmo motivo que Boure (2015) inseriu não apenas instituições acadêmicas, mas também sociedades de pesquisa e instituições onde se desenvolveram importantes projetos para a área na França. O professor em questão esteve por longo período em posição importante na Association Internationale de Sémiotique, ao lado de pesquisadores muito referenciados no Brasil no campo da semiótica.

O caso do professor Ciro Marcondes Filho é também bem específico. Com formação doutoral na Alemanha, herdeiro da Escola de Frankfurt e com grande produtividade em torno desta teoria crítica, passou a estudos que geraram sua Nova Teoria da Comunicação, que difere em diversos pontos de seus trabalhos anteriores, mais ou menos no mesmo período em que buscou formação pós-doutoral na França, vinculando-se mais a temas de alteridade e diferença, típicos de uma filosofia francesa. Esta inferência veio a partir da observação das datas dos projetos de pesquisa cadastrados para a Nova Teoria em comparação com seu pós-doutoramento.

Deste modo, notamos que aparentemente a formação francesa pode ter provocado direcionamentos ou mudanças de rumo nas trajetórias docentes aqui relacionadas, tendo perdurado até os dias atuais, em que se desenvolvem questões pertinentes àquelas anteriores, tendo feito evoluir o campo de pesquisas em Comunicação em diversos aspectos e linhagens.

Aqui, na relação entre formação e linhagens de pesquisa, foi notável até agora a perspectiva das estratégias discursivas para as pesquisas em midiática; as pesquisas sobre significação em ambientes urbanos para a semiótica; e articulações para a Nova Teoria da Comunicação.

### 3.3. Áreas de origem ou outras formações

Num exercício similar ao de Tétu (2002) e Boure (2015), buscamos observar a área de origem dos pesquisadores para além da formação francesa em Comunicação. Parece óbvio que a formação precedente não se refere a nossa área, já que estes professores estiveram entre os primeiros de nossos PPGs.

Não mencionamos aqui as especializações *lato sensu*, mas apenas a formação de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado realizada em universidades diferentes daquelas já listadas na formação francesa, compondo inferências sobre o contexto formativo em que a França surgiu como parte viável do trajeto.

Quadro 5 – Áreas de origem ou outras formações nas trajetórias docentes

Professor(a)	Demais formações
Antonio Fausto Neto	Graduação em Jornalismo (UFJF, 1972). Mestrado em Comunicação (UnB, 1977). Pós-doutorado em Comunicação (UFRJ, 1990).
José Luiz Warren Jardim Gomes Braga	Graduação em Ciências Jurídicas e Sociais (UNIVAP, 1958-1962). Mestrado em Instructional Systems (Florida State University, Estados Unidos [1971-1972]).
Muniz Sodré de Araújo Cabral	Graduação em Direito (UFBA, 1964). Doutorado em Letras (UFRJ, 1978). Livre-docente em Comunicação (UFRJ, 1978).
Márcio Tavares D'Amaral	Graduação em Ciências Jurídicas e Sociais (PUC-Rio, 1970). Mestrado em Comunicação (UFRJ, 1974). Doutorado em Letras – Ciência da Literatura (UFRJ, 1981).
Nízia Maria Souza Villaça	Graduação em Letras (PUC-Rio, 1968). Mestrado em Letras (UFRJ, 1974). Doutorado em Letras Neolatinas (UFRJ, 1982).
Lucrécia D'Alessio Ferrara	Graduação em Letras Neolatinas (PUCSP, 1959). Doutorado em Literatura Brasileira (PUCSP, 1964).
Décio Pignatari	Graduação em Direito (USP, 1953). Doutorado em Letras (USP, 1973). Pós-doutorado (USP, 1979).
Ciro Juvenal Rodrigues Marcondes Filho	Graduação em Ciências Sociais e Jornalismo (USP, 1972). Mestrado em Ciência Política (USP, 1976). Doutorado em Sociologia da Comunicação (Universidade Johann Wolfgang Goethe, UJWG, Alemanha, 1981).

Fonte: Banco de Dados da pesquisa.

Conforme o Quadro 5, a predominância das Letras e do Direito em especial nos primeiros cursos (graduação e mestrado) nos faz questionar se, de fato, não há origens literárias, conforme atestava Tétu (2002), também no Brasil. Por outro lado, a composição com Ciências Sociais,

Ciência Política e Sociologia da Comunicação no quadro geral aponta para, fazendo par com Jornalismo, uma atividade plural, vinda de vários campos das CHS, como proposto por Boure (2015).

Formação integral no campo da Comunicação foi notada apenas na trajetória formativa do professor Fausto Neto.

A formação em Letras e/ou em temas literários pareceu prevalecer nos pesquisadores da semiótica (Lucrécia Ferrara e Décio Pignatari) e do signo pela antropologia cultural (Nízia Villaça). Os demais, na relação cultural mídia-sociedade, apresentaram formação em Ciências Sociais, Jurídicas, Política e Jornalismo, normalmente doutorados em Comunicação.

Em geral, todas as demais formações ocorreram no Brasil, deixando à França a exclusividade no papel formativo, exceto no caso de Braga, com mestrado nos Estados Unidos, e Marcondes Filho, com doutorado na Alemanha.

### 3.4. Teses

As teses desenvolvidas pelos docentes, sistematizadas no Quadro 6, dão testemunho de um momento importante e demarcador das trajetórias aqui brevemente analisadas.

Quadro 6 – Teses apresentadas pelos docentes em estudo

Professor(a)	Teses e/ou dissertação relevante para análise
Antonio Fausto Neto	Tese: La Littérature Populaire en Vers comme Stratégies Discursives des Politiques Institutionnelles au Nord-Est du Bresil
José Luiz Warren Jardim Gomes Braga	Tese: Pasquim – Hebdo brésilien d’humour
Muniz Sodré de Araújo Cabral	Tese: Ciência da Literatura. Dissertação: Análise de Conteúdo.
Márcio Tavares D’Amaral	Tese: Modelo teórico das relações entre arte e sociedade. Dissertação: Comunicação e linguagem.
Nízia Maria Souza Villaça	Tese: Cemitério de mitos: uma leitura de Dalton Trevisan
Lucrécia D’Alessio Ferrara	Tese: Introdução ao estudo do regionalismo de Valdomiro Silveira / Livre docência: A estratégia dos signos
Décio Pignatari	Tese: Semiótica e Literatura: o signo verbal sob a influência do signo não verbal
Ciro Juvenal Rodrigues Marcondes Filho	Tese: Comunicação, ideologia e dominação

Fonte: Banco de Dados da pesquisa.

Todos os temas de teses, com exceção de Marcondes Filho, que não havia tido formação francesa antes de se doutorar, apresentam nítidas marcas de estudos literários, seja no objeto (literatura popular, revista brasileira de humor, Dalton Trevisan, regionalismo de Valdomiro Silveira), seja no tema (Ciência da Literatura, linguagem, relações entre arte e sociedade, mitos, signos, signo verbal/não verbal).

Temas e perspectivas políticas aparecem desde o título em alguns casos (estratégias discursivas, políticas institucionais, ideologia, dominação).

O regionalismo ou a preocupação com a cultura brasileira aparece tanto nas teses realizadas no Brasil quanto na França (versos populares, Nordeste, humor brasileiro, abordagens de escritores brasileiros). Pode-se dizer até que ou os estudos se voltaram à cultura brasileira ou a questões eminentemente teóricas em torno de política e signos.

### 3.5. Linhagens de pesquisa e atividade atual

Mapeamos as linhas de pesquisa e os PPGs em que cada professor se inseriu ao longo de sua trajetória, informação que complementamos com as áreas de pesquisa (contemplando os temas gerais que constam nos projetos de pesquisa, área de atuação ou mesmo textos publicados e informações complementares às linhas de pesquisas).

Quadro 7 – Linhagens de pesquisa e atividade atual dos docentes

Professor(a)	Trajatória: Linhas de pesquisa e PPGs	Áreas de pesquisa	Atividade atual
Antonio Fausto Neto	Midiatização e Processos Sociais (Unisinos, 1998-atual); Mídias e mediações socioculturais (UFRJ, 1991-1998); Comunicação e Leituras Interpretativas (UnB, 1974-1990).	Projetos de pesquisa cadastrados em torno de midiática (circulação, semiologia e afetações), jornalismo (editoração, noticiabilidade, ética e recepção televisiva), interculturalidade e mídia/religião.	Professor titular e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos (RS).
José Luiz Warren Jardim Gomes Braga	Midiatização e Processos Sociais (Unisinos, 1999-atual); Métodos de Pesquisa em Comunicação e Interpretação de Produtos Midiáticos (UnB, 1974-1978; 1987-1999); Interpretação de Produtos Midiáticos (UFPB, 1978-1987).	1. Interpretação de Produtos Mediáticos 2. Métodos de Pesquisa em Comunicação 3. Audiovisuais em Educação 4. Interpretação de Produtos Mediáticos 5. Pesquisa em Televisão Educativa 6. Midiatização e Processos Sociais 7. Mídias – Processos Socioculturais	Professor titular e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos (RS) desde 1999.
Muniz Sodré de Araújo Cabral	Mídia e Mediações Socioculturais (UFRJ, 1965-atual).	Projetos em torno de mídia, diversidade, raça, educação, jornalismo e teoria da comunicação.	Professor titular e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ.
Márcio Tavares D'Amaral	Mídia e Mediações Socioculturais (UFRJ, 1972-atual).	Comunicação, História, Filosofia e Religião. Sistemas de Pensamento, Filosofia da Comunicação.	Professor emérito da UFRJ, colaborador na graduação e na pós-graduação da ECO-UFRJ.
Nízia Maria Souza Villaça	Mídia e Mediações Socioculturais (UFRJ, 1977-atual).	Alguns dos muitos projetos dos mais antigos aos atuais: Signo/símbolo – a questão da referencialidade; O olhar barroco; A construção do corpo na mídia – texto e imagem; Rio de Janeiro: corpo, moda e espaço periférico; Identidade, marca e globalização.	Professora visitante no PPG Psicologia Social da UFRJ.
Lucrécia D'Alessio Ferrara	Comunicação e Semiótica (PUCSP, 1978-atual); Arquitetura e Urbanismo (USP, 1974-1998); Comunicação e Linguagens (UTP, 1999-2004).	1. Espaço e cultura: estratégias comunicativas e sistemas semióticos; 2. A arte de nomear: análise das possibilidades e limites de uma epistemologia da comunicação; 3. Mediação e interação: por uma arqueologia dos processos comunicativos; 4. Por uma epistemologia política da comunicação.	Orientadora do doutorado no PEPGCOS da PUC-SP.
Décio Pignatari	Comunicação e Semiótica (PUCSP, 1972-1986); Arquitetura e Urbanismo (USP, 1974-1994); Comunicação e Linguagens (UTP, 1999-2012).	Linguística, Arquitetura e Urbanismo, Letras.	-
Ciro Juvenal Rodrigues Marcondes Filho	Cultura Audiovisual e Comunicação (USP, 1974-atual – titular desde 1987).	1. Teoria da Comunicação e Nova Teoria da Comunicação 2. Estudos de Percepção 3. Filosofia da Comunicação 4. Estudo de Imagens – Cinema, Foto, Vídeo 5. Teoria e Estudos de Jornalismo 6. Epistemologia da Comunicação e Epistemologia Metapórica 7. Estudos da Alteridade na Comunicação.	Orientador do PPG em Meios e Processos Audiovisuais da USP.

Fonte: Banco de Dados da pesquisa.

As informações do Quadro 7 retomam a análise agrupada por instituições e PPGs na medida em que as linhas de pesquisa que constituíram se estabeleceram nestas universidades.

Fausto Neto e Braga, de origem no PPG da UnB, transferiram-se, depois de outros percursos, juntos para a Unisinos, onde permanecem atuando no mesmo programa e linha de pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. Compartilhando a mesma linhagem de pesquisas, pesquisam temas diferentes. Fausto Neto se volta ao jornalismo e à religião com métodos semiológicos, enquanto Braga pesquisa audiovisuais e educação, processos interacionais

e métodos de pesquisa em Comunicação. Teórica e metodologicamente, ambos compartilham dos estudos de midiática, circulação e afetações. Certamente estas abordagens se relacionam com a “escola francesa”, conforme descrevemos anteriormente.

Muniz Sodré e Márcio Tavares D'Amaral, do mesmo modo, iniciaram e permaneceram na UFRJ na linha de pesquisas Mídias e Mediações Socioculturais. Já Nízia Villaça atualmente é a única de nosso campo de observação que atua em outra área, a Psicologia Social.

Sodré e D'Amaral partilham de uma perspectiva de trabalho teórico-ensaístico que também guarda relações de

algum modo com as origens literárias das CIC na França. O primeiro pesquisa temas em torno da diversidade de raça, na escola, no jornalismo e na mídia, e o segundo estuda sistemas de pensamento como um todo.

Nízia Villaça, da mesma linha de pesquisa na UFRJ, parece compartilhar mais dos temas espaciais, da imagem e do signo dos pesquisadores da semiótica, apesar de manter a coerência com a antropologia cultural. O tema das cidades também é partilhado por Nízia e os pesquisadores da semiótica.

Lucrécia Ferrara e Décio Pignatari também compartilharam de trajetórias na linha de pesquisa em Comunicação e Semiótica na PUC-SP. Ambos integraram o PPG em Arquitetura e Urbanismo na USP e passaram pela linha de pesquisa em Comunicação e Linguagens na UTP, onde Pignatari permaneceu, em vida. Os temas literários e urbanos são os mais presentes em suas perspectivas. Lucrécia acresce a perspectiva epistemológica da comunicação.

Ciro Marcondes Filho, único da USP em nosso quadro, está inscrito na linha de Cultura Audiovisual e Comunicação. Seus pesquisas e percursos, contudo, seguem os traços de sua trajetória pessoal no sentido de sua Nova Teoria da Comunicação. Deste modo, o audiovisual constitui um dentre vários temas voltados à teoria, filosofia e epistemologia da comunicação.

#### 4. Inferências, lacunas e problemas

Propusemo-nos a investigar as origens das Ciências da Comunicação no Brasil por meio de trajetórias docentes, com os recortes da formação francesa e da presença em algum de nossos cinco primeiros PPGs – os que surgiram na década de 1970. Relatamos no decorrer do trabalho algumas dificuldades, partilhadas metodologicamente com outros pesquisadores das origens das CIC (Tétu, 2002; Boure, 2015) e do jornalismo (Pontes e Almeida, 2017), em especial para acesso à informação e/ou a documentos.

Restringimos não apenas nosso objeto, mas também optamos metodologicamente por pesquisar a partir das trajetórias docentes e somente aquelas encontradas em nossas consultas nos canais dos PPGs e do CNPq. Vasculhamos diversos currículos dos bolsistas PQs e percebemos que boa parte deles tem formação francesa, o que aponta para uma apuração possível que se estenda a todos os 130 atuais bolsistas de produtividade em pesquisa, o que não vinha ao caso para o objetivo deste artigo, focado nas origens.

Ao mapear o debate sobre a influência francesa, detivemo-nos em alguns tensionamentos típicos do pensamento francês: estruturalismo x culturalismo; semiologia x funcionalismo; sentidos x meios de comunicação de massa; humanidades x ciências humanas e sociais;

disciplinar x interdisciplinar, etc. Estas ambivalências ora se explicam uma à outra, ora guiam as questões para outras problemáticas em torno de perspectivas, constituição de campo, conformação de objeto, etc.

Podemos afirmar, com base em nosso campo de observação, que todas estas questões se fazem presentes nos dois países. Como nosso corpus é reduzido a oito trajetórias docentes vinculadas às origens brasileiras, limitamo-nos a afirmações gerais, mas encontramos alguns indícios para produzir inferências entendidas aqui menos como resultados e mais como hipóteses a partir da bibliografia e do campo de observação.

Algumas das premissas que tivemos foram:

- Qualquer que seja, a formação em pós-graduação permite direcionamentos nas trajetórias docentes. Com a formação francesa não foi diferente e pareceu ser marcante para os trabalhos seguintes dos professores e as linhas de pesquisa que constituíram;
- As instituições em que se formaram na França coincidem com o destino do fluxo crescente posterior dos pós-graduandos brasileiros, conforme Adghirni (2005);
- As origens literárias destacadas por Tétu (2002) se tornaram evidentes nas trajetórias docentes das origens brasileiras tanto nas teses desenvolvidas (unanimemente) quanto na área de formação (mais fragmentária) e nas linhas de pesquisa constituídas, mas o caráter plural e interdisciplinar também pode ser percebido nestes últimos, conduzindo às assertivas de Boure (2015).

\*

Se a influência francesa se divide em estruturalismo e culturalismo (Silva, 2001; Adghirni, 2006), se as origens literárias apontam divisão diante da linguística (Tétu, 2002) e as origens plurais destacam diferenças metodológicas no caráter ensaístico das humanidades e das ciências humanas e sociais (Boure, 2015), pudemos observar que estas tendências ao mesmo tempo se confirmam e se contradizem – por se comporem mutuamente – na conformação das linhagens de pesquisa vinculadas e estes docentes com formação francesa. As inferências a seguir destacam alguns pontos mais curiosos em nosso ponto de vista:

- Notamos que os pesquisadores com estudos de semiologia na França constituem a linhagem de pesquisas em midiatização, dividindo-se em abordagens discursivas (Fausto Neto), interacional (Braga) e ensaística (Sodré). De certo modo, lembram as “direções das pesquisas” das origens literárias (Quadro 1), mas ao mesmo tempo constituiriam uma linhagem não apreensível por vertentes “funcionalistas” ou “estruturalistas”, por exemplo;

- Algo não mapeado nos estudos aqui revisados sobre as origens francesas, mas certamente presente no pensamento francês e aqui notado nas origens brasileiras, o problema urbano esteve no centro da formação e dos projetos de três pesquisadores (Nízia Villaça, Lucrecia Ferrara e Décio Pignatari);
- A Nova Teoria da Comunicação, de Ciro Marcondes Filho, surge paralelamente ou após seu pós-doutoramento na França. Que tipo de influência ou relação foi estabelecida e até que ponto uma coisa pôde ser determinante para a outra?
- A despeito da diversidade, as teses e os projetos de pesquisa nas trajetórias observadas tratam sempre de aspectos de cultura brasileira ou de questões eminentemente teóricas em torno de política e signos.

\*

Estas inferências, junto com as já realizadas no campo de observação, levam-nos a retomar o questionamento das origens literárias, mas sem dúvida transformado. Apesar de evidente, a presença do “literário” no Brasil não pareceu ter uma conformação disciplinar, não tivemos fundadores propondo questões desde as Letras, mas intelectuais que pensaram as Letras exclusivamente pelo viés teórico-interpretativo das grandes teorias ou pelo viés de aspectos da cultura popular brasileira e que se tornaram cientistas da Comunicação. Os métodos, deste modo, não se encontram tão apartados quanto parecia ocorrer na França.

Talvez a observação de outros aspectos trouxesse novos elementos significativos, como os debates universitários sobre a Comunicação no Brasil antes ou durante a criação dos primeiros PPGs, o papel dos professores atuantes na graduação ou mesmo as trajetórias de todos os docentes dos primeiros PPGs, de fato. A pesquisa em comunicação desenvolvida por outras áreas também poderia fornecer pistas. Enfim, uma infinidade de possibilidades se ofereceria ao objetivo exploratório do presente texto.

O objetivo do artigo foi promover uma aproximação com o campo de observação de modo a produzir hipóteses para o debate epistemológico, sem uma problematização *a priori* senão o interesse pelo debate das origens das Ciências da Comunicação, restrito à relação França-Brasil.

Contudo, podemos indicar tensionamentos epistemológicos: se os pensamentos franceses são tão relevantes nas origens das Ciências da Comunicação no Brasil, que diferenças e contribuições o debate brasileiro estimulou? Como conjugar as trajetórias docentes, objetivamente tabuladas, ao pensamento comunicacional brasileiro e, menos abstratamente, a suas práticas de pesquisa?

Ainda que tenhamos ilustrado trajetórias da França ao Brasil, remetendo a prioridade aos estudos de semiologia, estruturalismo, culturalismo, literatura e linguística, a vivência do campo científico brasileiro também foi fortemente marcada, ao contrário, pelo funcionalismo e sua crítica frankfurtiana. Que pontos de tensão e encaminhamentos se integralizaram na estrutura de nossos PPGs e que questões atuais podem ser iluminadas pela investigação de aspectos formativos nas origens brasileiras?

Um ponto de contato importante que não chegamos a abordar neste artigo, pois não foi visualizado no campo de observação, apesar de visitado pelos autores, foi o modo como alguns intelectuais latino-americanos mediaram este contato entre França e Brasil e propuseram de certo modo as questões acima destacadas, como Armand Mattelart e seus *Cuadernos* e Eliseo Verón e as edições da *Lenguajes*.

A essa diversidade de questionamentos juntamos, com esse artigo, a contribuição inferencial de que o olhar sobre as trajetórias docentes amplia a compreensão interna do campo científico da Comunicação. Desse modo, a observação de aspectos da formação francesa no trabalho de pesquisadores brasileiros ao longo de suas trajetórias nos PPGs nos faz pensar na circulação epistemológica geograficamente produtora de sentidos e nas apropriações especificamente brasileiras sobre a comunicação – que, por sinal, se caracterizam profundamente por preocupações epistemológicas<sup>4</sup>.

## Referências

- ADGHIRNI, Z.L. 2006. O lugar do jornalismo na comunicação – Influência francesa. *Libero*, 9(17):52-56.
- ADGHIRNI, Z.L. 2005. O pensamento francês no campo da comunicação no Brasil. In: *Diálogos entre o Brasil e a França: formação e cooperação acadêmica*. Recife, Massangana / Fundação Joaquim Nabuco, p. 421-440.
- BOURDIEU, P. 1984. *Homo academicus*. Paris, Éd. de Minuit, 317 p.
- BOURE, R. 2015. A história das Ciências da Informação e da Comunicação na França: o caso das origens literárias das CIC. *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*, 3(5):4-21.
- CNPq. 2018. *Plataforma Lattes*. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br>. Acesso em: 20/07/2018.
- CNPq. 2018. *Bolsas em curso*. Consultas disponíveis em: [http://plsql1.cnpq.br/divulg/RESULTADO\\_PQ\\_102003.curso](http://plsql1.cnpq.br/divulg/RESULTADO_PQ_102003.curso). Acesso em: 08/08/2018.

<sup>4</sup> Agradecemos ao professor José Luiz Braga pela sugestão analítica, durante as discussões no GT de Epistemologia da Compós, de que, em vista da diversidade de temas e interesses, seriam comuns a todos os docentes presentes nos primeiros PPGs brasileiros aproximações filosóficas, ensaísticas ou epistemológicas para a constituição de problemas comunicacionais. Igualmente agradecemos ao professor Antonio Fausto Neto por sugerir problemas epistemológicos enquanto buscávamos abordar o assunto para esse texto.

- PONTES, F.S.; ALMEIDA, G.C.C. de. 2017. A pesquisa acadêmica sobre jornalismo na pós-graduação brasileira: dados sobre as teses e dissertações publicadas nos programas de Comunicação e Jornalismo (1972-2015). *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 14(2):9-21.
- SILVA, J.M. da. 2001. O pensamento contemporâneo francês sobre a comunicação. In: A. HOHLFELDT; L.C. MARTINO; V.V. FRANÇA (org.), *Teorias da Comunicação – Conceitos, escolas e tendências*. 4ª ed. Petrópolis, Vozes, 312 p., p. 171-186.
- TÉTU, J.-Fr. 1992. Thèses 1982-1991 en sciences de l'information et de la communication, Rapport DRED, *Programme PARINFO*, Paris, ministère de la Recherche et de la Technologie, ministère de l'Éducation nationale, de la Jeunesse et des Sports.
- TÉTU, J.-Fr. 2002. Sur les origines littéraires des SIC. In: R. BOURE (ed.), *Les origines des sciences de l'information et de la com-*

*munication: Regards croisés*. Lille, Presses universitaires du Septentrion, p. 71-94.

Os dois autores compartilharam todas as atividades, desde a coleta de dados, em que dividiram e fizeram revisões um do outro, até a redação, que seguiu a mesma forma de trabalho, sem itens específicos para cada um.

Artigo submetido em 12-08-2019  
Aceito em 22-10-2019